

SOLUÇÃO

Com crianças *pequenas*, novas formas de abraçar

Entre os principais desafios ampliados pela pandemia está a interação, o educar pelo toque

Assim que puder voltar a dar aulas presencialmente, a vontade de Isabela de Oliveira Silva vai ser dar um abraço bem apertado em cada um dos seus alunos, que estão na faixa dos 3 anos. “Com as crianças pequenas, o acolhimento costuma ser também corporal, não só verbal. O toque e o carinho estão sempre presentes na escola, de forma muito natural”, diz a professora do Colégio Stance Dual. Porém, ela sabe que esses abraços vão precisar esperar mais um pouco, por causa da covid-19.

“A afetividade é fundamental para os pequenos, mas temos de pensar que ela não está só no toque. Está no tom de voz, na escuta, em respeitar os sentimentos”, cita. Enquanto o momento do encontro frente a frente não chega, ela já pensa em estratégias para lidar com a situação “com leveza”, como trocar o cumprimento tradicional por uma dancinha. “Vamos ter de ressignificar o beijo e o aperto de mão, levando de uma maneira lúdica. Não é o ideal, mas é o necessário temporariamente.”

Em qualquer idade, para aprender na escola, a criança

precisa se sentir segura e também incluída no grupo, explica Taís Bento, sócia da consultoria SOS Educação. “Culturalmente, o abraço faz parte da forma como nos entendemos em segurança, pertencentes a um grupo.” Para os mais novos, que são mais sensoriais, o peso do toque é maior. “O colo traz a segurança desde que nascem. O toque do adulto é uma forma como entendem cuidado e carinho.”

Embora as crianças menores normalmente demandem mais abraços, também são muito flexíveis. “Os pequenos têm uma capacidade imensa de adaptação a contextos, novas regras. O desafio do professor é achar alternativas de levar segurança. Podemos usar como inspiração culturas que não usam tanto o contato físico”, sugere Roberta Bento, sócia da SOS Educação. Ela cita cursos voltados à educação infantil que ela fez nos Estados Unidos. “Os professores usam rimas, coreografias. Até o ‘high five’ fazem sem tocar na mão do outro. Mesmo assim, o professor consegue deixar o aluno em um estado de humor positivo, predisposto a aprender.”



NARA DTP



AMANDA GASPAR

Escolha. Na Grão de Chão (acima), crianças vão poder se tocar e ser higienizadas. Roberta e Taís, da SOS Educação, sugerem alternativas ao contato físico

Futuro. Para pais em busca de uma escola de educação infantil, a pandemia traz desafios extras. É necessário saber como es-

tá a rotina e como era antes, pois com o passar do tempo as atividades normais devem ser retomadas. “As famílias ainda vão

precisar filtrar o que da proposta da escola é só marketing. Houve uma perda muito grande de alunos no segmento, tem colégios lutando pelo equilíbrio financeiro”, alerta Roberta.

Mesmo sem vacina, toques e carinhos vão estar liberados na Grão de Chão quando as aulas voltarem. “Pegou na mão, fez um carinho? Em seguida o educador passa o álcool em gel, para proteger a todos. Estamos seguindo orientações de um infectologista, como usar luvas, avental e um escudo facial para troca de fraldas, trocar de blusa ou de avental se uma criança babar. O afeto não é só o abraço, mas não podemos negar um colo”, diz Paula Antunes Ruggiero, diretora pedagógica da instituição.

A escola tem planejado outras formas de cumprimento para evitar beijos e abraços e tipos de brincadeiras que evitem aglomerações. Ainda há uma preocupação maior com a higienização dos materiais e aproveitamento dos espaços. “Temos uma área ao ar livre, onde as crianças já costumavam trabalhar, que vai ser ainda mais explorada.”

A psicanalista Elisa Soares do Amaral, mãe de dois meninos de 5 anos da Grão de Chão, reconhece a dificuldade de um distanciamento social absoluto. “Sei que vai haver rodízio de espaços, higienização quando cada turma sair, formas de diminuir o número de contatos. Mas distanciamento total é impossível: eles brincam muito próximos, pulam um sobre o outro.”

Ainda que saiba dos riscos, a mãe pensa em mandar de volta os filhos para a escola assim que possível. “Vejo que eles já apresentam uma dificuldade para se relacionar com outras crianças. Quando encontram alguém, ficam numa excitação gigante, uma tensão, sentem vergonha. As opções de risco que a sociedade está fazendo são muito injustas com as crianças.” / **LUCIANA ALVAREZ, ESPECIAL PARA O ESTADO**



APRESENTADO POR **RIOBRANCO** | Colégio

Ensino remoto e híbrido: como esses modelos vêm mudando a realidade da educação

Mais do que transpor atividades didáticas para ambiente virtual, papel do ensino não presencial deve ser garantir interação, acolhimento e aprendizagem de qualidade



Arquivo Colégio Rio Branco



As diversas variáveis que envolvem o retorno às aulas presenciais vêm despertando a ansiedade de estudantes, famílias e escolas que buscam compreender como será esse momento. Nesse cenário, muito se fala sobre ensino remoto, híbrido e a distância, embora poucos conheçam as diferenças e nuances de cada modalidade.

Segundo Esther Carvalho, diretora-geral do Colégio Rio Branco, a primeira confusão em relação aos termos surgiu no início da pandemia, quando práticas não presenciais eram novidade para a maioria e foram implementadas em caráter de urgência. “Saímos da escola presencial conhecida para uma remota, jamais vivida por todos”, aponta.

Agora, após seis meses de experiência com o modelo remoto, o chamado ensino híbrido se mostra como principal aposta da fase de retorno às atividades na escola. “É mais profundo do que intercalar presencial e remoto, pois parte de metodologias ativas e preconiza, sobretudo, o ensino personalizado”, explica a diretora. O modelo parte do pressuposto de que o estudante deve ser o centro do processo educacional, com atividades que considerem suas necessidades individuais. (Saiba mais no quadro ao lado.)

APOIO DA FAMÍLIA

O Colégio Rio Branco vem conseguindo transpor para o ambiente virtual três pilares que são foco de sua atuação: a

interatividade, o acolhimento e a aprendizagem de qualidade. “Para implementar um projeto consistente, não basta ter tecnologia; é necessário ter educadores preparados e dispostos a aprender e a criar com seus alunos. Neste momento também é necessário um olhar cuidadoso, uma escuta atenta e estímulo à autonomia”, destaca a diretora. Ela aponta ainda que esse cenário educacional não seria possível sem o apoio das famílias, que compartilharam das adaptações desde os primeiros momentos.

Na casa de Patricia Sarcetta, mãe de dois alunos, de 10 e 12 anos, da unidade Higienópolis do Colégio Rio Branco, a expectativa para esse próximo momento é grande. Ao longo dos meses, ela assistiu à adaptação de Pietra e Marco ao modelo remoto, mas

relata preocupação com o longo período de distanciamento social. “Noto que está ficando muito difícil conversar só como computador e que eles sentem falta de vivenciar o dia a dia na escola”, conta.

Ansiedade e a saudade de amigos e professores também marcam o momento de Cibele, aluna de 16 anos da unidade Granja Vianna. Segundo a mãe, Daniela Alaminos, a nova rotina da estudante escancorou aspectos antes ocultos da vida escolar e exigiu uma reorganização familiar para motivá-la na continuidade das atividades. “Ficou mais claro que a educação se apoia em uma tríade e cada um tem de se entender protagonista em seu papel. Mais do que exigir da escola, da família ou dos filhos, é preciso entender que cada um tem o seu papel para o sucesso da educação; esse é o maior aprendizado”, conclui.

ENTENDA OS DIFERENTES TIPOS DE ENSINO

PRESENCIAL	HÍBRIDO
A escola como nós conhecemos há séculos parte do princípio de que professores e alunos devem estar no mesmo ambiente para garantir o aprendizado.	Exige autonomia e disciplina do aluno. Integra atividades presenciais e virtuais com foco em personalização da aprendizagem e participação ativa do aluno.
REMOTO	A DISTÂNCIA
Construído para crianças e adolescentes, quando as circunstâncias impedem a presença na escola. Integra personalização da aprendizagem e participação ativa do aluno.	Por anos, o EAD foi ofertado por correspondência e hoje chega pela internet. Prescinde de aulas presenciais e exige uma alta carga de autonomia do aluno.